

**MANIFESTAÇÕES DE GÊNEROS ORAIS EM AMBIENTES DIGITAIS: UMA
ANÁLISE DA FERRAMENTA PODCAST**

**MANIFESTATIONS OF ORAL GENRES IN DIGITAL ENVIRONMENTS: AN
ANALYSIS OF THE PODCAST AS A TOOL**

Sabrina Lamonyelly Paiva Rebouças¹

Orientadora: Elaine Cristina Forte-Ferreira²

RESUMO

Este trabalho analisa os gêneros orais que se manifestam na ferramenta podcast, entendida não como um gênero autônomo, mas como uma ferramenta que veicula diferentes gêneros. O objetivo central de nossa pesquisa é identificar os gêneros orais recorrentes em episódios de podcast e descrever as marcas linguísticas e paralinguísticas que caracterizam essas interações. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza básica e caráter descritivo-interpretativo, fundamentada nos estudos da linguagem como prática social e dos gêneros textuais/discursivos (Bakhtin, 1997; Marcuschi, 2002, 2003, 2008; Bezerra, 2019). O corpus é composto por três episódios de podcasts disponíveis no YouTube, selecionados por sua relação com temas educacionais. Os dados foram analisados a partir da transcrição parcial de trechos que apresentam elementos da oralidade, como reformulações, hesitações, pausas, marcadores conversacionais, variações de entonação e risos. Os resultados evidenciam que a conversação espontânea constitui o gênero predominante nos episódios, articulada a outros gêneros, como entrevista, exposição oral e narrativa pessoal, revelando forte hibridização discursiva. A análise demonstra que o podcast funciona como espaço de convergência e de atualização de práticas orais, confirmando seu potencial como ferramenta que amplia a circulação da oralidade em ambientes digitais. Conclui-se que os podcasts não configuram um gênero estável, mas uma ferramenta que diferentes gêneros orais se realizam dinamicamente.

Palavras-chave: oralidade; gêneros orais; podcast; marcas linguísticas e paralinguísticas.

ABSTRACT

¹ Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), sabrina.reboucas@alunos.ufersa.edu.br

² Professora de Linguística dos cursos de Letras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), elaine.forte@ufersa.edu.br

This study analyzes the oral genres that emerge within the podcast medium, understood not as an autonomous genre but as a tool that conveys different discursive practices. The main objective is to identify the recurring oral genres in podcast episodes and to describe the linguistic and paralinguistic features that characterize these interactions. The research adopts a qualitative approach, basic in nature and descriptive-interpretative in character, grounded in studies of language as social practice and oral genres (Bakhtin, 1997; Marcuschi, 2002, 2003, 2008; Bezerra, 2019). The corpus consists of three podcast episodes available on YouTube, selected due to their relation to educational themes. The data were analyzed based on the partial transcription of excerpts that present relevant features of orality, such as reformulations, hesitations, pauses, conversational markers, intonation variations, and laughter. The results show that spontaneous conversation is the predominant genre in the episodes, articulated with other genres such as interviews, oral exposition, and personal narrative, revealing strong discursive hybridization. The analysis demonstrates that the podcast functions as a space of convergence and renewal of oral practices, confirming its potential as a tool that broadens the circulation of orality in digital environments. It is concluded that podcasts do not constitute a stable genre, but a tool in which different oral genres are dynamically realized.

Key words: orality; oral genres; podcast; linguistic and paralinguistic features.

INTRODUÇÃO

O estudo dos gêneros orais relacionados ao podcast insere-se em uma perspectiva que entende a linguagem como prática social, historicamente situada e interativa fundamentada em Marcuschi (2008). Diferentemente de abordagens que tratam o podcast como um gênero oral fechado, esta pesquisa propõe analisá-lo como uma ferramenta capaz de abrigar múltiplos gêneros orais, cada um com suas funções comunicativas e estruturas próprias. Nesse sentido, compreender o podcast exige deslocar o foco da forma estática do gênero para a circulação de práticas discursivas orais situadas, evidenciando a interação entre produtores e ouvintes e a diversidade de vozes que a mídia possibilita.

O interesse em desenvolver esta pesquisa surgiu da observação de como o podcast tem se consolidado como uma das formas de circulação da oralidade no ambiente digital, especialmente no campo educacional. A popularização dessa ferramenta e sua presença crescente em espaços formais e informais de ensino despertaram o desejo de compreender como os gêneros orais se configuram e se transformam nesse meio, refletindo as mudanças nas formas de comunicação, escuta e aprendizagem. Além disso, durante a formação em Letras Português, a constante reflexão sobre o papel dos gêneros discursivos na interação social motivou o aprofundamento desse tema, buscando aproximar teoria e prática no estudo das novas mídias.

Diversas pesquisas recentes têm se dedicado ao estudo do podcast sob diferentes enfoques. Villarta-Neder e Ferreira (2020) analisam o podcast como gênero discursivo marcado pela oralidade e pela multissemiose, ressaltando suas potencialidades para o ensino. Andrade (2022) propõe o uso do podcast em práticas de leitura e escrita, destacando sua relevância pedagógica, enquanto Santana e Carvalho (2024) discutem o papel do podcast no desenvolvimento da escuta em língua estrangeira. Já Costa e Silva (2023) o abordam como gênero acadêmico emergente, capaz de promover a divulgação científica. Embora essas pesquisas evidenciem a importância do podcast em diferentes contextos, a maioria delas o trata como um gênero textual-discursivo específico, deixando em segundo plano a análise do podcast como ferramenta que abriga e articula muitos gêneros orais.

Essa lacuna teórica e metodológica justifica a relevância do presente estudo, que busca contribuir para o campo dos estudos dos gêneros discursivos ao compreender o podcast não como um gênero fixo, mas como uma ferramenta de circulação da oralidade, no qual se atualizam práticas discursivas diversas. Assim, a pesquisa propõe uma análise que valoriza a dinamicidade, a hibridização e a multimodalidade das interações orais que ocorrem nesse ambiente digital.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é identificar os gêneros orais recorrentes em episódios de podcast e descrever as marcas linguísticas e paralinguísticas que caracterizam essas interações. Especificamente, busca-se identificar os gêneros orais mais recorrentes nos episódios analisados e descrever suas marcas linguísticas e paralinguísticas. Ao considerar os podcasts como ferramenta de veiculação de muitos gêneros como entrevistas, debates, narrativas, mesas-redondas entre outros, a análise enfatiza os elementos linguísticos e paralinguísticos que configuram a oralidade, tais como entonação, pausas, interjeições, alternância de turnos e construções argumentativas. Esses recursos não apenas estruturam o discurso, mas também medeiam relações sociais, criam empatia e favorecem a construção de sentidos entre os interlocutores.

A fundamentação teórica desta pesquisa apoia-se em contribuições de Bakhtin (1997), Marcuschi (2002; 2003; 2008), e Bezerra (2019), que compreendem os gêneros como formas de ação social, historicamente construídas e situadas em contextos específicos. Assim, os podcasts emergem como espaços de convergência discursiva e atualização das práticas orais, permitindo a circulação de múltiplos gêneros e a exploração de estratégias retóricas e expressivas que caracterizam a comunicação oral. Por meio desse olhar, evidencia-se o potencial pedagógico do podcast, não enquanto gênero fixo, mas como ferramenta que articula linguagem, interação social e aprendizagem em diferentes contextos.

Diante disso, torna-se necessário apresentar os fundamentos teóricos que orientam esta investigação, especialmente aqueles que permitem compreender o funcionamento dos gêneros orais e sua manifestação no ambiente digital. Esse percurso será desenvolvido a seguir.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste artigo serão apresentadas as contribuições teóricas que sustentam esta pesquisa e que permitem compreender o podcast como ferramenta que possibilita a produção e a circulação de vários gêneros orais e não como um gênero em si. Para tanto, foi necessário retomar contribuições de estudiosos no campo dos gêneros, a fim de situar o objeto de análise dentro de uma perspectiva que entende a linguagem como prática social.

A proposta não é realizar um levantamento exaustivo das concepções de língua como prática social ou das teorias sobre gêneros, mas destacar aspectos relevantes que dialogam diretamente com o fenômeno em investigação. Assim, serão discutidas as concepções de linguagem que orientam o trabalho, os conceitos fundamentais de gênero e sua relação com texto e discurso, a caracterização do podcast como ferramenta multimodal, bem como os elementos que atravessam os gêneros orais que frequentemente aparecem dentro dos episódios de podcast.

2.1 Concepção de língua como prática social

A perspectiva de Marcuschi (2008) sobre a linguagem é firmemente construída na defesa de que a língua é, antes de tudo, uma prática social. O autor é categórico ao afirmar que, embora a língua possua um sistema simbólico, ela deve ser compreendida como uma atividade interativa levando em consideração os contextos comunicativos. “Assim, a língua é vista como uma atividade, isto é, uma prática sociointerativa de base cognitiva e histórica. Podemos dizer, resumidamente, que a língua é um conjunto de práticas sociais e cognitivas

historicamente situadas.” (Marcuschi, 2008, P. 61). Esse posicionamento rompe com visões que tratam a língua como estrutura autônoma e destaca que seu funcionamento real somente pode ser compreendido quando analisado no uso, na interação cotidiana entre os sujeitos. Marcuschi (2008, P. 61) enfatiza que a língua não existe como entidade abstrata:

De outro ponto de vista, pode-se dizer que a língua é um sistema de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua, sendo-lhe parcialmente prévio e parcialmente dependente desse contexto em que se situa. Em suma, a língua é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes (escritores/ leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância, mas não construindo tudo como se fosse uma pressão externa pura e simples.

Deixando explícito que sua constituição depende diretamente das atividades humanas e dos contextos sociais onde circula.

Nessa mesma direção, Marcuschi (2008, p. 64) reforça que a língua é indissociável das práticas discursivas e das relações sociais que a constituem. Para ele, “A língua recebe sua determinação a partir de um conjunto de fatores definidos pelas condições de produção discursiva que concorrem para a manifestação de sentidos com base em textos produzidos em situações interativas.”, evidenciando que o significado não está dado pelo sistema, mas é produzido socialmente nos eventos de uso real. É por isso que o autor afirma que a língua é simultaneamente heterogênea, social, histórica, cognitiva, indeterminada, variável, interativa e situada, caracterização que só faz sentido quando se entende a linguagem como fenômeno social, atravessado por práticas culturais, institucionais e ideológicas. Assim, a língua não se limita a transmitir informações, ela atua no mundo, constrói posições sociais e molda relações entre os falantes.

De forma ainda mais incisiva, Marcuschi (2008) afirma a partir de Batista (1997, p. 21-22) que: “falar é agir”, e que os enunciados produzem efeitos concretos nas interações. Como ele destaca: “Falar não é apenas comunicar algo e sim produzir sentidos, produzir identidades, imagens, experiências e assim por diante.” (Marcuschi, 2008, p. 62). Essa afirmação sintetiza a concepção de língua como prática social ao mostrar que a linguagem não apenas reflete a realidade, mas participa ativamente da construção do social. Dessa maneira, para Marcuschi (2008), compreender a língua implica necessariamente compreender seus usos, suas funções sociais e os contextos em que os sujeitos agem e interagem, pois, é nesses espaços que a linguagem adquire vida, sentido e relevância.

Diante das reflexões apresentadas, compreende-se que a língua, concebida como prática social, ultrapassa a visão mecanicista e estruturalista da linguagem, revelando-se como uma atividade viva, histórica e interativa. Nessa perspectiva, a linguagem não é um simples instrumento de comunicação, mas um espaço de construção de sentidos, de mediação entre sujeitos e de representação das práticas culturais e ideológicas de uma sociedade.

2.2 Gêneros: algumas definições

Na obra *Estética da criação verbal*, Bakhtin (1997) compreende a linguagem como um fenômeno essencialmente social, histórico e interativo, que se realiza sempre em forma de enunciados concretos. É a partir desses enunciados que ele introduz a noção bakhtiniana de gêneros do discurso, entendidos como tipos relativamente estáveis de enunciados produzidos nas diferentes esferas da atividade humana.

De acordo com Bakhtin (1997), os gêneros são formados por três elementos que os caracterizam e os diferenciam: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. O conteúdo temático diz respeito ao assunto e ao domínio de sentido abordado; o estilo está relacionado às escolhas linguísticas e expressivas feitas pelo locutor; e a forma composicional refere-se à organização estrutural do enunciado. Esses elementos, contudo, não são fixos nem

autônomos, variam de acordo com as condições históricas e sociais de produção da linguagem.

Dessa forma, para Bakhtin (1997), os gêneros do discurso não são apenas formas linguísticas ou estruturas textuais, mas formas de ação social, instrumentos pelos quais os sujeitos participam da vida social e produzem sentidos. A língua, nesse sentido, não é um sistema fechado de regras, mas um meio vivo e histórico de interação entre sujeitos.

Portanto, a concepção de gênero em Bakhtin (1997) está profundamente vinculada à noção de linguagem como prática social e dialógica. Os gêneros não são formas fixas nem categorias estáticas, mas modos de enunciação que expressam e organizam a experiência humana nas diversas esferas da atividade discursiva.

Já Marcuschi (2002) explica que os gêneros são entidades dinâmicas e abertas, que surgem, transformam-se e desaparecem conforme as mudanças históricas, culturais e tecnológicas. Assim, eles são produtos de um trabalho coletivo de natureza sociocomunicativa, e sua funcionalidade está diretamente associada ao contexto em que são produzidos e utilizados. O autor afirma que: “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia.” (Marcuschi, 2002, p. 19)

Para ele, os gêneros textuais não devem ser confundidos com os tipos textuais. Enquanto os tipos (narração, descrição, argumentação, exposição e injunção) se referem a categorias teóricas baseadas em propriedades linguísticas e estruturais, os gêneros são realizações concretas, usadas em situações reais de comunicação.

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. (Marcuschi, 2002, p. 22).

O autor também ressalta que os gêneros não são entidades fixas nem imutáveis, mas se adaptam às condições de produção, circulação e recepção. Em sua visão, cada sociedade cria, transforma e substitui gêneros conforme suas práticas de interação e suas tecnologias de comunicação. Assim, novos gêneros surgem à medida que novas formas de interação social se desenvolvem. Marcuschi (2002) aponta, inclusive, que o avanço das tecnologias digitais e das mídias eletrônicas gera gêneros híbridos e multimodais, que mesclam linguagem verbal e não verbal: “Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo hibridismo que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua.” (Marcuschi, 2002, p. 21).

Desse modo, a concepção de gênero em Marcuschi (2002) é funcional, histórica e social. Ele entende os gêneros como artefatos culturais resultantes da ação comunicativa humana, que servem tanto para estruturar quanto para representar práticas sociais. Essa perspectiva reforça a ideia de que compreender um gênero é compreender a atividade social que o produz, evidenciando que a linguagem é, antes de tudo, uma forma de ação no mundo.

Em *Gêneros, texto e discurso* (2019), Benedito Bezerra reforça que o gênero deve ser compreendido como uma categoria específica da linguagem, com estatuto próprio, embora intimamente relacionada às noções de texto e discurso. Ele critica abordagens reducionistas que tratam os gêneros apenas como formas textuais ou estruturas discursivas, defendendo que essas noções, embora interligadas, não são idênticas. Bezerra (2019, p. 302) esclarece:

O gênero não é uma espécie de departamento do texto ou do discurso, mas uma categoria específica da linguagem, de estatuto próprio, ainda que intimamente

relacionado com aqueles conceitos. Gênero, texto e discurso são noções inter-relacionadas, mas de modo algum idênticas ou subsumidas uma pela outra.

A partir dessa concepção, o autor enfatiza que os gêneros não são apenas formas, nem devem ser reduzidos à tríade bakhtiniana: forma composicional, conteúdo temático e estilo, pois isso os limitaria à dimensão estrutural do texto. Para ele, compreender o gênero exige considerar também os aspectos sociais, situacionais e intencionais que o constituem. A análise de um gênero, portanto, deve levar em conta seus participantes, propósitos comunicativos e contextos de produção, além das formas linguísticas que o materializam.

Bezerra (2019, p. 302) retoma Bazerman (2006) para reforçar essa visão ampliada, segundo a qual: “Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem.” Assim, ele entende que os gêneros não são entidades fixas, mas recursos socialmente desenvolvidos para orientar as ações humanas e organizar as práticas discursivas no mundo. Desse modo, estudar um gênero é compreender como ele orienta a ação comunicativa dos sujeitos em situações sociais concretas.

O autor também se posiciona criticamente diante da tentativa de separar os gêneros em “textuais” e “discursivos”, argumentando que essa distinção é conceitualmente frágil. Para Bezerra (2019), o gênero é simultaneamente textual e discursivo, pois se manifesta como produto linguístico (texto) e como prática social de sentido (discurso). Ele afirma que dividir as duas dimensões é criar uma visão fragmentada e insuficiente do fenômeno.

Por fim, Bezerra (2019) define os gêneros como práticas de linguagem socialmente construídas, que funcionam como mediadores entre o texto e o discurso, articulando forma e ação, estrutura e intencionalidade. Essa perspectiva integra o campo linguístico às dimensões sociais e culturais do uso da língua, ampliando o olhar sobre o gênero para além de sua forma, e reforçando sua natureza dinâmica, histórica e interativa.

2.2.1 Debates e críticas

A análise comparativa das concepções de gênero propostas por Bakhtin (1997), Marcuschi (2002) e Bezerra (2019) revela um ponto de convergência fundamental: a compreensão dos gêneros como formas de ação social, historicamente construídas e socialmente situadas. Em todas as abordagens, o gênero é visto como um instrumento de interação e mediação discursiva, que organiza as práticas de linguagem e dá forma à experiência comunicativa dos sujeitos.

Bakhtin (1997), ao introduzir a noção de gêneros do discurso, estabelece a base teórica para essa perspectiva ao afirmar que cada esfera da atividade humana cria tipos relativamente estáveis de enunciados. Esses gêneros são moldados pelas condições de produção e pela função social da linguagem, articulando conteúdo, estilo e forma composicional. Assim, o autor rompe com visões formalistas e propõe uma concepção de linguagem viva, dialógica e situada que só se concretiza no uso.

Marcuschi (2002), ao retomar e expandir essa visão, desloca o conceito de gênero para o campo da linguística textual, descrevendo-o como um fenômeno histórico e funcional que emerge das práticas comunicativas cotidianas. Para ele, os gêneros são artefatos culturais e cognitivos que se adaptam às transformações sociais e tecnológicas, o que explica o surgimento de novas formas discursivas no contexto da cultura digital. Seu foco está na funcionalidade dos gêneros e na sua relação com os usos reais da língua, o que o leva a reforçar o caráter dinâmico e mutável dessas formas de interação.

Já Bezerra (2019) aprofunda a reflexão ao criticar visões reducionistas que tratam o gênero como mera estrutura textual. Para o autor, os gêneros constituem uma categoria autônoma da linguagem, e não podem ser reduzidos nem ao texto nem ao discurso. Ele propõe que o gênero seja compreendido como uma instância de mediação entre essas duas

dimensões: textual e discursiva, atuando simultaneamente como forma e como prática social. Além disso, Bezerra (2019) amplia o entendimento bakhtiniano ao destacar que os gêneros não são apenas formas, mas também recursos socialmente desenvolvidos para orientar a ação humana no mundo.

Apesar de partilharem a base dialógica e social da linguagem, os três autores divergem quanto à ênfase dada aos aspectos estruturais ou funcionais dos gêneros. Bakhtin (1997) privilegia a dimensão filosófica e interacional do discurso; Marcuschi (2002) enfatiza a dimensão textual e comunicativa; e Bezerra (2019) propõe uma síntese, articulando o gênero como categoria da linguagem que engloba e ultrapassa as duas anteriores.

Dessa forma, as discussões contemporâneas sobre gêneros textuais e discursivos, especialmente no campo da linguística, devem ser compreendidas a partir desse diálogo entre as três perspectivas. A partir delas, entende-se que o gênero não pode ser visto como uma forma fixa, mas como uma prática social dinâmica e multimodal, em constante transformação e adaptação às novas condições de produção da linguagem como se observa, por exemplo, nos podcasts e demais práticas discursivas digitais.

O presente trabalho fundamenta-se, especialmente, na concepção de gênero apresentada por Marcuschi (2002), cuja abordagem compreende os gêneros como fenômenos históricos, sociais e funcionais, resultantes das práticas comunicativas concretas dos sujeitos. A perspectiva do autor é central para esta pesquisa porque permite analisar os gêneros que circulam no podcast não como estruturas rígidas, mas como artefatos sociocomunicativos dinâmicos, que emergem, se transformam e se organizam conforme as condições de produção, circulação e recepção.

2.3 O podcast como ferramenta multimodal

O fenômeno do podcasting surgiu em meados dos anos 2000, a partir de iniciativas independentes que buscavam romper com o modelo centralizado das transmissões radiofônicas. Diferentemente do rádio tradicional, que opera dentro de uma grade fixa de programação, o podcast nasce como uma prática de comunicação digital descentralizada, permitindo que qualquer usuário, com acesso a equipamentos básicos de gravação e edição, produza, publique e distribua conteúdos sonoros pela internet (Medeiros, 2005).

O marco inicial dessa tecnologia é atribuído a Adam Curry, ex-VJ da MTV, que, incomodado com as limitações da programação radiofônica convencional, idealizou um formato de transmissão personalizada. Utilizando softwares de edição de áudio e o então popular *iPod* como dispositivo de armazenamento, Curry desenvolveu o *Ipodder*, programa baseado em tecnologia RSS, que possibilitava ao usuário receber automaticamente episódios de áudio em seu dispositivo. A fusão desses elementos resultou no termo *podcast*, derivado da junção de *iPod* + *broadcast* (Medeiros, 2005).

Desde então, o podcast consolidou-se como uma mídia representativa da cibercultura, marcada pela lógica da descentralização, da autonomia do usuário e da multiplicidade de vozes. Conforme destaca Medeiros (2005), a principal inovação do podcast não está apenas no formato técnico, mas na quebra da lógica de transmissão de “um para todos”, típica da radiodifusão de massa, para um modelo baseado na demanda (“todos para todos”), no qual produtores e ouvintes interagem de forma mais horizontalizada.

Além da flexibilidade no consumo que pode ocorrer a qualquer hora e em qualquer lugar, o podcast carrega potencialidades multimodais. Ele pode integrar recursos sonoros como música, entrevistas, efeitos de áudio e até inserções audiovisuais quando disponibilizado em plataformas híbridas. Tais características o distinguem do rádio, não apenas pela forma de distribuição, mas pela sua configuração de ferramenta capaz de mediar

diferentes gêneros orais, como entrevistas, debates, narrativas jornalísticas, mesas-redondas, entre outros.

De acordo com Souza e Forte-Ferreira (2025), apoiadas em Schmidt, Silva e Possani (2020), o podcast deve ser compreendido não como um gênero, mas como uma mídia digital que possibilita a veiculação de diferentes gêneros orais, como entrevistas, mesas-redondas e exposições orais. Essa concepção se afasta de abordagens que tratam o podcast como um gênero fixo, reconhecendo-o antes como uma ferramenta multimodal que potencializa o trabalho com a oralidade na educação e favorece o desenvolvimento de habilidades discursivas diversas.

Assim, mais do que ser considerado um gênero específico, o podcast se caracteriza como uma ferramenta que abriga e dá circulação a múltiplos gêneros, cada qual com suas funções discursivas e estruturas próprias. Essa compreensão é fundamental para a presente pesquisa, pois desloca a análise do podcast enquanto um gênero para entendê-lo como um meio de veiculação e interação, situado em práticas comunicativas e sociais diversas.

Apesar disso, diversos estudos têm defendido que o podcast é um gênero discursivo ou textual. Villarta-Neder e Ferreira (2020, p. 39), por exemplo, argumentam que:

Tal perspectiva interessa-nos para analisar um gênero discursivo oral, como o podcast. Analisar um gênero discursivo, assim, exige considerar essa rede de relações. No caso do podcast, implica atentar não somente para a modalidade oral, mas também para as mediações se constroem. Diferentemente de uma conversa informal, face-a-face, o podcast é uma gravação em vídeo e/ou em áudio.

Os autores destacam que, no caso do podcast, não se trata apenas de observar a modalidade oral, mas também as mediações que se constroem nesse processo, já que a ferramenta digital envolve práticas comunicativas específicas, modos de produção e circulação próprios.

De modo semelhante, Andrade (2022) defende que o podcast integra o conjunto dos gêneros discursivos da cultura digital, sendo compreendido como recurso capaz de potencializar o uso das multissemioses em sala de aula. Para a autora, “A partir dessa propositura, resolvemos inserir nas práticas sociais e educativas os gêneros discursivos da cultura digital, dando enfoque ao gênero podcast, a fim de fomentar o uso das multissemioses em sala de aula” (Andrade, 2019, p. 25).

Nessa linha, Santana e Carvalho (2024, p. 520) também defendem que o podcast é um gênero relevante para o ensino de línguas estrangeiras, especialmente por favorecer o desenvolvimento da habilidade de escuta. Segundo as autoras:

Quanto ao podcast como um gênero que pode auxiliar no desenvolvimento das habilidades de escuta em aulas de língua estrangeira, especialmente de língua espanhola, percebemos que ele proporciona uma experiência auditiva autêntica. Isto permite aos alunos familiarizarem-se com a entonação do idioma e compreenderem os diferentes sotaques, estilos de fala, gírias, expressões idiomáticas etc.

No caso das aulas de língua estrangeira, por exemplo, a experiência auditiva valorizada pelas autoras não decorre de uma suposta unidade genérica do podcast, mas sim da circulação de gêneros como entrevistas, conversas espontâneas, narrativas ou debates, que, ao integrarem essa ferramenta, tornam-se recursos didáticos para a aprendizagem. Dessa forma, o podcast funciona mais como meio que hospeda múltiplos gêneros do que como um gênero em si.

Costa e Silva (2023, p. 3) reforçam essa visão ao afirmar que o podcast pode ser compreendido como gênero cuja presença no espaço acadêmico abre novas possibilidades de divulgação científica e de debate sobre temas contemporâneos.

Por mais que o gênero podcast não seja originário da academia, a sua presença nela traz possibilidades quanto à divulgação científica e ao debate de temas caros à atualidade. Além disso, é um gênero presente em documentos parametrizadores e demandado para a Educação Básica, sendo necessário que licenciandos conheçam a produção desse texto.

Nesse sentido, a contribuição pedagógica do podcast na formação docente não decorre de sua suposta estabilidade genérica, mas da diversidade de gêneros orais que pode veicular. Desse modo, o podcast revela-se mais como um espaço de convergência discursiva que possibilita a mobilização de diferentes práticas de linguagem, do que como um gênero textual-discursivo fixo.

Lottermann e Dal Molin (2022, p. 2) também apontam para a necessidade de inserir o podcast no rol dos gêneros digitais a serem trabalhados na escola. Conforme os autores:

Torna-se necessário à escola, em especial à disciplina de Língua Portuguesa, cotejar, para além dos gêneros tradicionais como, por exemplo, a carta, a redação escolar e a resenha, também gêneros digitais como o podcast, a fanfiction, o infográfico e o e-book, que integram às práticas linguístico-discursivas da vida atual.

Enquanto um episódio de fanfiction ou de resenha pode ser delimitado mais claramente como gênero, no podcast essa estabilidade não se verifica, já que cada episódio pode assumir formatos diversos. Entretanto, este trabalho adota outra perspectiva: o podcast, mais do que um gênero autônomo, deve ser entendido como uma ferramenta multimodal em que circulam múltiplos gêneros discursivos. Da mesma forma, nas práticas acadêmicas apontadas por Costa e Silva (2023), o podcast não se estabiliza como gênero único, mas como espaço de circulação de discursos científicos mediados pela oralidade.

Dentro dos episódios de podcast, os gêneros orais como entrevistas, debates, conversas informais e exposições dialogadas apresentam uma série de elementos linguísticos, paralinguísticos e discursivos que lhes conferem autenticidade e espontaneidade. Esses elementos constituem marcas fundamentais da oralidade e desempenham papel decisivo na construção de sentido e no envolvimento comunicativo entre os interlocutores. Conforme explica Marcuschi (2003, p. 63), a conversação é permeada por recursos que ultrapassam o verbal e que “têm um papel fundamental na interação”, tais como a entonação, as pausas, os silêncios e as hesitações, que funcionam como mecanismos expressivos e organizadores dos turnos de fala. A entonação, por exemplo, contribui para marcar emoções, intenções comunicativas e nuances avaliativas, enquanto as pausas e hesitações revelam o processamento do pensamento e a negociação do espaço conversacional. Já as interjeições e os marcadores conversacionais – como “né?”, “tipo” e “entendeu?” – evidenciam o caráter processual da fala e reforçam o que Marcuschi (2003) descreve como a natureza espontânea e colaborativa da interação oral, na qual o discurso é construído conjuntamente e ajustado continuamente ao interlocutor. Esses elementos, portanto, não são acessórios, mas estruturantes da dinâmica conversacional que caracteriza o episódio analisado.

Já as reformulações e repetições, típicas da fala espontânea, servem tanto para reforçar quanto para esclarecer ideias. A alternância de turnos e a sobreposição de falas evidenciam a natureza interativa da comunicação oral, os risos, expressões afetivas e comentários avaliativos demonstram envolvimento emocional e subjetividade. Nesse sentido, conforme apontam Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), a conversação é regida por um sistema de organização de turnos, no qual os participantes cooperam para manter a continuidade da interação, negociando falas, interrupções e retomadas de forma dinâmica. Assim, as repetições, pausas e sobreposições não são aleatórias, mas recursos interacionais que garantem a coesão e a fluidez do discurso oral.

Desse modo, os podcasts funcionam como espaços de atualização das práticas orais, nos quais a linguagem se realiza de forma viva e situada, marcada pela presença de múltiplas vozes, estilos e intenções comunicativas. Cada episódio, ao articular diferentes gêneros e movimentos retóricos, revela a natureza dinâmica e social da linguagem, reafirmando o podcast como ferramenta multimodal de mediação discursiva e não como um gênero autônomo.

2.4 Elementos linguísticos e paralinguísticos

A Análise da Conversação (AC), conforme sistematizada por Marcuschi (2003), parte do princípio de que a fala é uma prática social altamente organizada, regida por múltiplos recursos que vão além da estrutura linguística tradicional. O autor afirma que: “o desempenho linguístico na fala não se serve apenas da gramática e do léxico da língua, mas lança mão dos mais variados recursos, sejam eles verbais ou não, é repetir o óbvio” (Marcuschi, 2003, p.5). Assim, compreender a conversação implica considerar a articulação entre elementos linguísticos e paralinguísticos, que operam cooperativamente para a construção de sentido.

2.4.1 Elementos linguísticos

Marcuschi (2003, p. 61) enfatiza que a fala não pode ser descrita segundo os mesmos parâmetros estruturais da escrita, pois segue princípios comunicativos próprios:

Parece claro que na análise da conversação não se podem empregar as mesmas unidades sintáticas que para a língua escrita. Tudo indica que as unidades, na conversação, devem obedecer a princípios comunicativos para sua demarcação e não a princípios meramente sintáticos.

Essa observação fundamenta a compreensão de que os enunciados orais são frequentemente fragmentados, elípticos e construídos em fluxo, acompanhando a dinâmica da interação.

Para lidar com essas especificidades, Marcuschi (2003) propõe o conceito de *unidade comunicativa (UC)*, que substitui o modelo tradicional de frase. Ele define: “A expressão unidade comunicativa (UC) é aqui tomada (cf. Rath, 1979) como substituto conversacional para ‘frase’, ou seja, é a expressão de um conteúdo que pode dar-se, mas não necessariamente, numa unidade sintática tipo frase.” (Marcuschi, 2003, p. 61-62). Assim, a UC permite compreender a fala como atividade funcional, em que cada segmento cumpre um propósito comunicativo, independentemente de sua completude sintática.

Outro aspecto essencial na organização linguística da conversação é a presença dos mecanismos de correção. Marcuschi (2003, p. 28-29) explica que: “A esse processo convencionou-se chamar de mecanismo de correção; ele funciona também como processo de edição ou auto-edição conversacional e contribui para organizar a conversação localmente.”, incluindo autocorreção auto-iniciada, correção pelo interlocutor e reformulações. Esses mecanismos revelam a produção em tempo real da fala, permitindo ao falante ajustar seu enunciado conforme avança.

Além disso, Marcuschi (2003, p. 61) ressalta o papel dos marcadores, observando que: “Tais recursos podem ser subdivididos em três tipos de evidências: (a) verbais, (b) não-verbais e (c) supra-segmentais.” No plano linguístico, os marcadores verbais (como então, veja, né, certo) organizam a progressão tópica, mantêm a coesão local e regulam a tomada de turnos.

2.4.2 Elementos paralinguísticos

Para Marcuschi (2003), os elementos paralinguísticos desempenham papel central na interpretação da fala. Ele afirma que: “Os recursos não-verbais, ou paralinguísticos, tais como o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação, têm um papel fundamental na interação face a face.” (Marcuschi, 2003, p. 63). Esses recursos fortalecem a dimensão interacional, permitindo sinalizar alinhamento, discordância, surpresa ou empatia.

Além dos elementos corporais, Marcuschi (2003, p. 63) destaca a importância dos itens supra-segmentais, afirmando:

Os dois mais importantes para o nosso caso são as pausas e o tom de voz. As pausas podem ser curtas (micropausas), médias ou longas e constituem um fator decisivo na organização do texto conversacional. São frequentes em final de unidades comunicativas e geralmente coocorrem com outros marcadores.

Esses recursos influenciam diretamente o ritmo, a ênfase e a estruturação da fala. Pausas podem indicar hesitação, marcação de tópico, preparação para reforço ou mesmo efeitos retóricos. A entonação, por sua vez, demarca atitudes, intenções e relações pragmáticas entre falantes.

Com isso, Marcuschi (2003) demonstra que compreender a conversação exige observar não apenas o que é dito verbalmente, mas também como é dito, por meio de gestos, risos, pausas, intensidades e variações melódicas que enriquecem a significação e organizam a interação.

Considerando que esses elementos linguísticos e paralinguísticos constituem a base analítica desta pesquisa, torna-se necessário explicitar os procedimentos metodológicos adotados para identificar tais fenômenos nos episódios de podcast selecionados. A seguir, apresentamos a metodologia que orientou a coleta, a seleção e a análise dos dados.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem como foco identificar os gêneros orais recorrentes em episódios de podcast e descrever as marcas linguísticas e paralinguísticas que caracterizam essas interações. O estudo propõe compreender o podcast não como um gênero autônomo, mas como uma ferramenta multimodal que abriga diferentes gêneros orais, cada qual com sua função comunicativa e estrutura própria. Para atingir esse objetivo, a metodologia adota uma abordagem qualitativa, de natureza básica e caráter descritivo-interpretativo, sustentada por referenciais teóricos dos estudos da língua como prática social (Marcuschi, 2008) e dos gêneros discursivos por: (Bakhtin, 1997; Marcuschi, 2002; Bezerra, 2019).

A pesquisa é de abordagem qualitativa, pois busca compreender fenômenos discursivos em seus contextos de produção, priorizando a interpretação dos sentidos e das práticas comunicativas observadas nos episódios de podcast. Por se tratar de uma investigação voltada à ampliação do conhecimento teórico sobre os gêneros orais e sua circulação em ambientes digitais, sem fins de aplicação imediata, caracteriza-se também como uma pesquisa de natureza básica. Além disso, apresenta caráter descritivo e interpretativo, uma vez que procura identificar, classificar e interpretar os gêneros orais recorrentes no podcast, analisando suas características linguísticas, discursivas e situacionais.

O universo da pesquisa é o ambiente digital do YouTube, plataforma em que circulam diversos tipos de podcasts. A escolha desse espaço se justifica por sua ampla acessibilidade e representatividade na cultura digital contemporânea, na qual a oralidade assume novas formas de expressão, circulação e interação. O YouTube abriga uma diversidade de produções que combinam elementos da oralidade, da multimodalidade e da espontaneidade, tornando-se um campo fértil para a análise das práticas discursivas mediadas por tecnologias digitais.

O *corpus* da pesquisa é composto por 3 episódios de podcasts que abordam temas relacionados à educação, selecionados com base em critérios de acessibilidade pública, relevância temática e diversidade de formatos discursivos. A escolha recai sobre produções que apresentam diferentes gêneros orais como entrevistas, debates, conversas informais e mesas-redondas etc, de modo a permitir a observação das variações estruturais e comunicativas que emergem dentro dessa ferramenta multimodal. Serão priorizados episódios que envolvam professores, pesquisadores ou especialistas discutindo questões educacionais, o que possibilita observar o uso da oralidade em contextos formais e semi-informais.

A seleção dos episódios ocorreu por meio de pesquisa direcionada na plataforma YouTube, em março de 2025, utilizando os filtros “podcast”, “gêneros”, “educação” e “professores”. A partir dessa busca, foram escolhidos três episódios: ³“*Os desafios da educação hoje em dia (com Mário Sérgio Cortella)*” – Podcast do MHM, “*Professores explicam o maior problema da educação*” – Cortes do Flow [OFICIAL] e “*Ciro Gomes e Sérgio Sacani analisam a educação no Brasil*” - Podcast RivoNews.

Por fim, os procedimentos metodológicos envolvem a escuta e observação atenta dos episódios selecionados, seguida da transcrição parcial dos trechos mais representativos para a análise. Esses trechos foram escolhidos com base na presença de marcas linguísticas, paralinguísticas e discursivas, sob a perspectiva de Marcuschi (2003), com marcadores conversacionais, pausas, reformulações e expressões avaliativas que são marcas de oralidade. Tais procedimentos foram essenciais para alcançar o objetivo desta pesquisa, que consiste em analisar os gêneros orais que se manifestam na ferramenta podcast, identificando os gêneros mais recorrentes e descrevendo suas marcas linguísticas e paralinguísticas. Por meio da seleção criteriosa do corpus, da escuta detalhada e da análise interpretativa dos excertos, tornou-se possível compreender como esses gêneros se configuram e se atualizam no interior dos podcasts, evidenciando a diversidade de práticas discursivas que essa ferramenta abriga.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados teve como foco identificar e interpretar os gêneros orais recorrentes em episódios de podcast que abordam temas relacionados à educação, observando os elementos linguísticos e paralinguísticos e as funções discursivas que caracterizam a oralidade nessa ferramenta multimodal. A partir do corpus selecionado composto pelos três episódios de podcasts, buscou-se compreender como diferentes práticas orais se configuram no ambiente digital e de que modo o podcast favorece a circulação e a atualização desses gêneros.

A investigação foi conduzida a partir da escuta e observação analítica dos episódios, com atenção aos aspectos interacionais, estruturais e expressivos da linguagem oral, como marcadores conversacionais, pausas, reformulações e expressões avaliativas que são marcas de oralidade. Cada episódio foi analisado individualmente, de modo a evidenciar os gêneros predominantes e as estratégias discursivas que emergem nas interações entre os participantes.

4.1 Episódio 1 — “*Os desafios da educação hoje em dia (com Mário Sérgio Cortella)*” – Podcast do MHM

O primeiro episódio, produzido pelo canal MHM, apresenta um formato de entrevista

³ Link dos episódios analisados “*Os desafios da educação hoje em dia (com Mário Sérgio Cortella)*” – Podcast do MHM - <https://www.youtube.com/watch?v=YkPNA63hbdg&t=780s> “*Professores explicam o maior problema da educação*” – Cortes do Flow [OFICIAL] - <https://www.youtube.com/watch?v=d4NguJ6tD2E&t=29s> “*Ciro Gomes e Sérgio Sacani analisam a educação no Brasil*” - Podcast RivoNews - <https://www.youtube.com/watch?v=boYsuWYddP0&t=515s>

não estruturada. O diálogo entre o apresentador e o filósofo Mário Sérgio Cortella é pautado por perguntas diretas e respostas explicativas, configurando um gênero oral marcado pela alternância organizada de turnos e pelo foco temático na reflexão sobre o papel da educação no cenário contemporâneo.

Nesse episódio, observa-se o uso predominante de uma linguagem semi formal, que equilibra a objetividade da fala acadêmica de Cortella com momentos de descontração, risos e exemplos cotidianos trazidos pelo entrevistador. As pausas e as retomadas de fala funcionam como marcadores de ênfase e de reflexão, reforçando a natureza planejada e ao mesmo tempo espontânea da fala. Além disso, o uso de expressões avaliativas como “é fundamental”, “sem dúvida” e “precisamos repensar” evidencia a intenção de construir um discurso reflexivo e acessível, típico de gêneros voltados à divulgação de ideias.

4.1.2 Gêneros orais recorrentes no episódio

A partir da perspectiva de Marcuschi (2003), compreende-se que os gêneros orais não se constituem como estruturas rígidas e estanques, mas como formas discursivas flexíveis, realizadas de modo situado e dependentes da interação e das intenções comunicativas dos participantes. Nesse sentido, a conversação é compreendida como um “gênero básico da interação humana” (Marcuschi, 2003, p. 14), que sustenta e atravessa outros gêneros orais, combinando continuamente recursos verbais e paralinguísticos ajustados ao contexto e à finalidade comunicativa.

No episódio *“Os desafios da educação hoje em dia (com Mário Sérgio Cortella)”*, observa-se que o gênero oral predominante é a entrevista, uma vez que a interação se organiza a partir de papéis institucionais bem definidos: o entrevistador, responsável pela condução temática por meio de perguntas, e o entrevistado, que desenvolve as respostas. Essa estrutura se evidencia em perguntas amplas e orientadoras, como:

“Como é que está a questão da educação hoje?” e “Mas você acha que o professor hoje, ele é valorizado no Brasil?”

Que direcionam o fluxo da interação e asseguram a progressão temática do episódio.

Embora a entrevista funcione como eixo organizador do discurso, as respostas do entrevistado não se restringem a enunciados breves e diretos, apresentando uma construção discursiva mais complexa. Nessas respostas, emergem sequências discursivas dialogadas que mobilizam características associadas a outros gêneros orais, sem que isso implique a constituição de novos gêneros de forma autônoma. Em determinados momentos, por exemplo, a interação assume um tom mais informal e humorado, aproximando-se da conversação espontânea, como na intervenção do entrevistador: *“Precisou nem dançar, hein, Cortella? (risos)”*. Esses momentos reforçam o caráter interativo e colaborativo da entrevista, conforme descrito por Marcuschi (2003).

Da mesma forma, as respostas de Cortella frequentemente incorporam movimentos expositivo-argumentativos, com explicações conceituais, uso de metáforas e desenvolvimento de raciocínios mais elaborados, como quando afirma: *“Ninguém deixa de se interessar por aquilo que interessa”* ou ao empregar a metáfora médica da educação comparada à UTI. Tais recursos não configuram um gênero exposição oral independente, mas funcionam como estratégias discursivas integradas às respostas do entrevistado, ampliando o potencial explicativo e didático da entrevista.

Também se observa o uso recorrente de relatos e narrativas breves, como em *“Minha avó sempre dizia...”*, que atuam como mecanismos argumentativos e de aproximação com o público. Conforme Marcuschi (2003), essas narrativas curtas são comuns na fala em interação e cumprem a função de contextualizar argumentos, produzir efeitos de sentido e fortalecer o vínculo com o interlocutor, permanecendo subordinadas à estrutura da entrevista.

Dessa forma, o episódio evidencia que o podcast se organiza a partir da entrevista como gênero central, dentro da qual se articulam diferentes sequências discursivas dialogadas, que evocam características da conversação espontânea, da exposição oral e da narrativa pessoal. Essa articulação confirma a concepção de Marcuschi (2002; 2003) de que os gêneros orais são dinâmicos, flexíveis e interdependentes, ajustando-se às necessidades comunicativas que emergem no curso da interação, sem que isso implique necessariamente a coexistência simultânea de múltiplos gêneros autônomos.

4.1.3 Elementos linguísticos

Marcuschi (2003) destaca que a fala apresenta marcas particulares que compõem sua estrutura própria, entre elas: repetições, hesitações, marcadores conversacionais, alongamentos e construções sintáticas típicas da oralidade. Tais marcas são amplamente observáveis nos episódios. Por exemplo, logo no início, o entrevistador hesita e reformula sua fala: *“Faz tempo. Faz tempo, faz coisa de 20 anos, acho.”* Essa repetição imediata reforça a espontaneidade da fala, característica típica das interações orais. Outro exemplo está na retomada feita por Cortella ao explicar o termo *“pedagocídio”*: *“E a palavra pedagogicídio é exatamente para a gente anunciar o que significa estruturas que caminham para a destruição das condições pedagógicas.”* A repetição do termo diz respeito ao que Marcuschi (2003, P. 71) discute como mecanismos linguísticos.

Sinais produzidos pelo falante, que servem para sustentar o turno, preencher pausas, dar tempo à organização do pensamento, monitorar o ouvinte, explicitar intenções, nomear e referir ações, marcar comunicativamente unidades temáticas, indicar o início e o final de uma asserção, dúvida ou indagação, avisar, antecipar ou anunciar o que será dito, eliminar posições anteriores, corrigir-se, auto-interpretar-se, reorganizar e reorientar o discurso etc.;

Também aparecem marcadores conversacionais frequentes, tais como: “então”, “aliás”, “certo?”, “pô”, “ixi”, “cara”. Esses marcadores, conforme a perspectiva de Marcuschi (2003), revelam o caráter processual da fala, ajustando o discurso ao interlocutor e orientando a interpretação.

4.1.4 Elementos paralinguísticos

Marcuschi (2003, p. 63) enfatiza os recursos não verbais: “Os recursos não-verbais, ou paralinguísticos, tais como o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação, têm um papel fundamental na interação face a face.”. Embora o podcast seja uma ferramenta predominantemente auditiva, parte desses elementos pode ser identificada na transcrição. Um exemplo claro é a marcação explícita de riso na fala do entrevistador, como por exemplo, quando ele aborda:

“Precisou nem dançar, hein, Cortella? (risos)”.

O riso tem função interacional, atenua a crítica e cria proximidade com o convidado, reforçando a construção colaborativa do diálogo.

As pausas e reformulações, indicadas por reticências e vírgulas: “é...”, “olha...”, “porque...”, “então...” reproduzem características da fala espontânea que Marcuschi (2003) aponta como essenciais para interpretar sentidos não verbais, já que marcam hesitação, ênfase ou transição de tema. A entonação, embora não registrada diretamente, é sugerida pela forma como Cortella estrutura seus exemplos: *“Ninguém deixa de se interessar por aquilo que interessa. Certo?”* A pergunta *“certo?”* indica busca de alinhamento com o interlocutor, sugerindo uma entonação ascendente. Além disso, expressões afetivas, como *“te mandou um*

beijo”, “*sou filho de professora*”, acionam elementos prosódicos de apelo emocional, reforçando a função social da interação.

4.1.5 Episódio 2 — “Professores explicam o maior problema da educação” – Cortes do Flow [OFICIAL]

O segundo episódio, pertencente ao canal Cortes do Flow, apresenta um recorte de conversa originalmente realizada em formato de bate-papo espontâneo. A interação entre os participantes é marcada pela informalidade, com interrupções, sobreposição de falas e o uso recorrente de marcadores conversacionais como “né?”, “tipo”, “assim” e “entendeu?”.

Esse formato evidencia um gênero oral de caráter mais livre e colaborativo, no qual a construção de sentidos se dá por meio da co-participação. A linguagem é direta e emocional, refletindo a preocupação dos interlocutores com as condições de trabalho docente e com os desafios enfrentados no cotidiano escolar. As pausas e entonações expressivas reforçam o envolvimento dos falantes, enquanto as anedotas e exemplos pessoais aproximam o discurso do público. Assim, esse episódio exemplifica o modo como o podcast possibilita a circulação de gêneros orais que combinam argumentação e conversação, mesclando reflexão e espontaneidade.

4.1.6 Gêneros orais recorrentes no episódio

O episódio analisado apresenta como gênero oral predominante a conversação espontânea, a partir da qual se organizam diferentes movimentos discursivos que emergem conforme os participantes constroem seus argumentos. Essa configuração confirma o que Marcuschi (2003, p. 5) afirma sobre a natureza complexa e multifacetada da conversação, entendida como “a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano” e como um modo de interação “altamente organizado”. Assim, o podcast constitui-se como um espaço interacional em que a conversação funciona como base estrutural, capaz de incorporar, ao longo do fluxo discursivo, diferentes tipos de sequências textuais.

A conversação espontânea se estabelece como eixo organizador do episódio, sendo marcada pela alternância de falantes, pela cooperação mútua e pelo uso recorrente de recursos típicos da oralidade. Conforme Marcuschi (2003, p. 14), a conversação possui “natureza essencialmente dialógica” e se organiza por meio de “perguntas e respostas”, bem como de “asserções e réplicas”. Esses movimentos aparecem no episódio em intervenções como “Sim, o Brasil é gigante” e “Entendi, cara”, que funcionam como confirmações, apoios e mecanismos de manutenção do tópico discursivo, garantindo a continuidade da interação.

No interior dessa estrutura conversacional, observa-se a presença de sequências narrativas, especialmente sob a forma de relatos pessoais, utilizadas pelos participantes como estratégia discursiva para exemplificar, explicar e sustentar seus pontos de vista. Marcuschi (2003) destaca que a conversação não se limita a trocas breves, mas pode incorporar sequências mais longas quando os interlocutores recorrem a experiências pessoais, as quais fazem parte dos “processos cooperativos presentes na atividade conversacional” (Marcuschi, 2003, p. 6).

Essas sequências narrativas se evidenciam, por exemplo, nos relatos sobre a pandemia e sobre o pai idoso que apresentava dificuldades para utilizar o Google Meet, bem como na narrativa relacionada à Olimpíada de Biologia. Tais trechos apresentam marcas típicas da narrativa pessoal, como organização temporal dos acontecimentos, contextualização das situações vividas e avaliações subjetivas dos fatos. No entanto, esses relatos não configuram um gênero narrativo autônomo, mas se inserem de forma funcional no interior da conversação espontânea, atuando como recurso argumentativo e explicativo.

Dessa forma, o episódio revela uma dinâmica discursiva característica dos gêneros orais contemporâneos, especialmente no contexto dos podcasts: a conversação espontânea mantém-se como gênero predominante, enquanto diferentes sequências discursivas dialogadas, como os relatos pessoais, são mobilizadas ao longo da interação para enriquecer a argumentação e aproximar o discurso da experiência cotidiana dos interlocutores. Essa organização confirma a concepção de Marcuschi (2003) de que a conversação, enquanto gênero básico da interação humana, é capaz de integrar e articular múltiplos movimentos discursivos sem perder sua centralidade estrutural.

4.1.7 Elementos linguísticos

Segundo Marcuschi (2003, p. 62-63), a fala espontânea mobiliza: “Os recursos verbais que operam como marcadores formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência.” e que incluem expressões como hesitações, repetições e interjeições, podendo até envolver formas “sequer lexicalizadas, tais como ‘mm’, ‘aha’, ‘ul’”. Tais recursos aparecem amplamente no podcast, revelando o caráter não planejado do discurso. Em trechos como

“Não, não, não. Até voltando lá para a minha experiência lá da Olimpíada de Biologia.” ou “pô... como?”,

observa-se o uso de repetições e interjeições para organizar o pensamento enquanto se fala, exatamente como Marcuschi (2003) descreve ao tratar das hesitações, que são “Observando os dados acima, podemos caracterizar os fenômenos de hesitação (repetições, pausas meditativas, preenchidas) como indicadores da esfera do planejamento cognitivo do texto em oposição aos outros sinais (sobretudo os de separação).” (Marcuschi, 2003, p. 64), evidenciando o modo como o falante constrói sua fala enquanto pensa.

Além disso, a transcrição evidencia pausas e retomadas, como quando o participante afirma:

“Eu vi algum caso no Rio de Janeiro que, pô, tava dando certo e teve que tirar, porque você... Ó, vai demitir... Eu lembro... Foi um cara do Rio, cara, eu esqueci o nome dele agora.”,

demonstrando o que Marcuschi (2003, p. 62) denomina como unidades comunicativas marcadas por: “pausas, pela entonação e por certos elementos lexicais ou paralexiais”. Tais marcas estruturam a fala e indicam o seu caráter processual, permitindo ao ouvinte acompanhar a construção gradual do argumento.

4.1.8 Elementos paralinguísticos

Para Marcuschi (2003), a conversação não depende apenas do verbal, mas também de uma série de recursos não linguísticos que acompanham a fala. Mesmo que a transcrição não capture integralmente esses aspectos, ela registra marcas importantes, como “(risos)”, pausas prolongadas e comentários metadiscursivos que sugerem alteração de tom. Em trechos como

“Vai criar políticas públicas aqui no Flow (risos)” ou “não ganha muito, tá, Júlio?”, é possível inferir, pelas indicações, uma combinação de riso, mudança de entonação e ênfase, aspectos que Marcuschi (2003) insere na categoria dos recursos supra-segmentais.

Além disso, Marcuschi (2003, p. 63) afirma que “as pausas e o tom de voz... constituem um fator decisivo na organização do texto conversacional”, o que se confirma na interação analisada. O humor recorrente no episódio, frequentemente marcado por risos e exclamações, funciona como elemento paralinguístico de aproximação entre os interlocutores, reforçando vínculos e facilitando a progressão temática. Um exemplo é quando Oda fala que a visão capitalista o fez imaginar que ir trabalhar no Japão iria fazer com que ele ganhasse

muito dinheiro:

“Cara, teve um tio meu que estava no Japão e falou. Pô, tu não quer vir trabalhar aqui no Japão, não, para dar aula? E eu, com essa visão capitalista brasileira. Pô, tio, ganha muito para dar aula aí no Japão? Não. Tu vai ganhar a mesma coisa que um operário. Mas vão te respeitar pra cacete. (risos)” ou “O que é ensino integral hoje no Brasil? A de manhã é aula, a tarde é artes. Nada contra artes, mas sei lá, agora vai o corte das artes, né? Já era mais um rola aí. (risos)”

Assim, a presença desses sinais confirma o papel destacado por Marcuschi (2003) dos recursos paralinguísticos como elementos essenciais para compreender o funcionamento da fala em interação.

4.1.9 Episódio 3 — “Ciro Gomes e Sérgio Sacani analisam a educação no Brasil” - Podcast RivoNews.

O episódio “Ciro Gomes e Sérgio Sacani analisam a educação no Brasil”, configura-se como uma interação oral pública onde são debatidos problemas da educação, políticas públicas e impasses institucionais. A dinâmica do episódio aproxima-se da conversação espontânea discutida por Marcuschi (2003) em *Análise da Conversação*, pois envolve múltiplos falantes, turnos alternados e sequências argumentativas que se constroem ao longo da interação. Marcuschi (2003, p. 5) afirma que a conversação é: “a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano” e que constitui “o gênero básico da interação humana”.

4.1.10 Gêneros orais recorrentes no episódio

No decorrer do episódio, identifica-se a presença de práticas discursivas que dialogam diretamente com as formas descritas por Marcuschi (2003). O gênero oral predominante é a entrevista, uma vez que a interação se organiza a partir de papéis institucionais definidos, nos quais o apresentador conduz a progressão temática por meio de perguntas e seleciona os momentos de tomada de turno dos convidados. Essa organização se manifesta na recorrência do par adjacente pergunta–resposta, característico do gênero entrevista, conforme observa Marcuschi (2003, p. 18) ao afirmar que, nesse tipo de interação, “são usadas técnicas de atribuição de turnos” para estruturar o fluxo discursivo.

Embora a entrevista funcione como eixo organizador do episódio, as respostas dos participantes são construídas de maneira marcadamente conversacional, aproximando-se das características da conversação espontânea. Nesse sentido, a entrevista incorpora um modo de realização discursiva que se ancora na conversação, entendida por Marcuschi (2003, p. 15) como uma prática verbal que envolve “pelo menos dois falantes; ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; presença de uma sequência de ações coordenadas; execução numa identidade temporal; (e) envolvimento numa ‘interação centrada’”. Esses elementos se fazem presentes na dinâmica entre apresentador e convidados, marcada pela fluidez temática, pela negociação constante dos tópicos e pela construção colaborativa de sentidos.

Assim, a conversação espontânea não se configura como um gênero autônomo coexistente à entrevista, mas como forma de organização interna das respostas, conferindo maior naturalidade, informalidade e proximidade ao discurso. As intervenções dos participantes apresentam alternância fluida de turnos, comentários de apoio, retomadas e avaliações, elementos típicos da conversação espontânea que se articulam funcionalmente à estrutura da entrevista.

Dessa forma, o episódio evidencia o caráter híbrido típico de formatos midiáticos contemporâneos, como o podcast, em que a entrevista se mantém como gênero predominante, ao mesmo tempo em que se realiza discursivamente por meio de uma dinâmica

conversacional espontânea. Essa articulação confirma a concepção de Marcuschi (2003) de que os gêneros orais são flexíveis e se ajustam às necessidades interacionais do contexto, sem perder sua configuração estrutural básica.

4.1.11 Elementos linguísticos

No episódio analisado, os enunciados apresentados pelos interlocutores evidenciam aquilo que Marcuschi (2003, p. 61) aponta sobre a fala espontânea, já que, como afirma, “na análise da conversação não se podem empregar as mesmas unidades sintáticas que para a língua escrita. Tudo indica que as unidades, na conversação, devem obedecer a princípios comunicativos para sua demarcação e não a princípios meramente sintáticos.” Isso se articula diretamente com a definição de Marcuschi (2003, p. 61-62) de que: “a expressão unidade comunicativa (UC) [...] é a expressão de um conteúdo que pode dar-se, mas não necessariamente, numa unidade sintática tipo frase.” Assim, o diálogo do episódio organiza-se por UC que cumprem funções comunicativas locais, como enfatizar, responder rapidamente, completar um raciocínio ou interromper-se para retomar em seguida.

Também aparecem com destaque os mecanismos de reformulação e correção, descritos por Marcuschi (2003, p. 28-29) como processos de edição da fala, já que, nas suas palavras, “a esse processo convencionou-se chamar de mecanismo de correção; ele funciona também como processo de edição ou auto-edição conversacional...” Esses mecanismos são facilmente identificáveis nas falas dos participantes, como no trecho em que Ciro diz:

“Corrupção é o cara tirar 900 bilhões de reais do caixa do povo brasileiro, da educação, e meter no bolso 10 mil famílias que vivem do juro, da agiotagem. E aí o povo é aparvalhado, percebe? Por isso que eu estou saindo da disputa eleitoral. Não da disputa. Não da discussão”.

Neste excerto, é perceptível uma autocorreção imediata do termo anterior, quando ele fala que está saindo da disputa e depois faz a reformulação dizendo que não está. Outro exemplo ocorre quando um dos convidados afirma: “Agora pisar em Marte, nem deve pisar. A tecnologia está resolvida, o problema é o ser humano... viajar daqui até lá”, reorganizando a formulação enquanto fala. Esses movimentos confirmam o que Marcuschi (2003) descreve na tipologia de correções, que incluem autocorreção auto-iniciada e ajustes feitos pelo próprio falante ao perceber, em andamento, a necessidade de precisão ou clareza.

Os marcadores conversacionais também aparecem de modo sistemático ao longo da interação e cumprem funções essenciais na progressão temática e na orientação do ouvinte. Sobre esses recursos, Marcuschi (2003, p. 61) afirma que: “Tais recursos podem ser subdivididos em três tipos de evidências: (a) verbais, (b) não-verbais e (c) supra-segmentais.” No episódio, inúmeros marcadores verbais estruturam a fala, como quando Ciro inicia explicações com “veja”, “perceba”, “então”, que funcionam como guias para a audiência e indicam mudanças de tópico ou reforço argumentativo. Um exemplo direto ocorre quando o apresentador inicia a transição de bloco afirmando: “Bom, vamos seguir falando de educação”, recurso típico de formulação tópica. Há também marcadores responsivos (“sim”, “é”, “então”) que regulam o ritmo da interação e sinalizam alinhamento entre os participantes. Esses elementos suprasegmentais e verbais contribuem para a coesão global da conversação e para sua inteligibilidade, estruturando discursivamente o episódio.

4.1.12 Elementos paralinguísticos

No episódio, os elementos paralinguísticos se manifestam amplamente e confirmam o que Marcuschi (2003) descreve sobre a importância dos recursos não verbais na conversação. O autor afirma que: “Os recursos não-verbais, ou paralinguísticos, tais como o olhar, o riso, os

meneios de cabeça, a gesticulação, têm um papel fundamental na interação face a face. Estabelecem, mantêm e regulam o contato.” (Marcuschi, 2003, p. 63). Essa observação se confirma em diferentes momentos do episódio, como quando os participantes riem após comentários irônicos, por exemplo, quando um dos entrevistadores afirma “*eu acho mais fácil economizar lá [em Marte]*” e o grupo reage com risos, sinalizando alinhamento e compartilhamento de humor. Do mesmo modo, Ciro frequentemente utiliza gesticulações amplas, inclina o tronco para frente para enfatizar certos pontos e faz expressões faciais marcadas quando critica políticas públicas, elementos que, embora não verbalizados, reforçam sua posição argumentativa e intensificam a força ilocucionária de seus enunciados.

Além disso, aspectos supra-segmentais desempenham papel decisivo na construção do sentido. Marcuschi (2003, p. 63) destaca que:

Os dois mais importantes para o nosso caso são as pausas e o tom de voz. As pausas podem ser curtas (micropausas), médias ou longas e constituem um fator decisivo na organização do texto conversacional. São frequentes em final de unidades comunicativas e geralmente coocorrem com outros marcadores.

Essa descrição corresponde diretamente a momentos do episódio em que os falantes modulam a voz para marcar ironia, indignação ou ênfase. Por exemplo, quando Ciro afirma, pausadamente, “*As duas coisas são triviais... ou impossíveis*”, ele utiliza uma pausa longa após “triviais” para produzir efeito retórico, reforçando a crítica implícita à falta de vontade política. Em outro momento, ao dizer “*Não da disputa... não da discussão*”, a micropausa entre as duas formulações evidencia o mecanismo de auto-edição e sinaliza ao interlocutor que ele está corrigindo o enunciado anterior, recurso típico do processamento real da fala.

Esses elementos, risos, gestos, pausas, variações de entonação não apenas reforçam o conteúdo verbal, mas também sinalizam posicionamentos afetivos, regulam a interação e marcam transições de tópico, cumprindo precisamente aquilo que Marcuschi (2003) identifica como funções essenciais dos recursos paralinguísticos na conversação.

5 RESULTADOS

Com base na análise dos três episódios selecionados, foi possível identificar os principais gêneros orais que se manifestam em cada um deles. A seguir, apresentamos uma tabela síntese que organiza esses resultados, evidenciando a recorrência e a distribuição dos gêneros orais em cada episódio analisado.

Quadro 1 – Gêneros identificados

Episódio	Gêneros Oraís Identificados	
	Entrevista	Conversação espontânea
Episódio 1 – MHM (com Mário Sérgio Cortella	x	
1. Episódio 2 – Cortes do Flow (Professores explanam)		x.
Episódio 3 – RivoNews (Ciro Gomes e Sérgio	x	

Sacani)		
---------	--	--

Fonte: Autoria própria (2025).

A tabela apresentada sintetiza a recorrência dos gêneros orais identificados nos três episódios de podcast selecionados para análise, permitindo visualizar comparativamente quais práticas de oralidade predominam em cada contexto comunicativo. Observa-se que os episódios apresentam configurações distintas de gêneros, refletindo tanto o formato do programa quanto à finalidade discursiva de cada interação.

Nesse sentido, para aprofundar a compreensão sobre como esses gêneros são concretizados na prática interacional dos episódios, apresentamos, a seguir, uma tabela que organiza os principais elementos linguísticos e paralinguísticos, observados nos Episódio 1, 2 e 3.

Quadro 2 – Elementos linguísticos e paralinguísticos identificado nos episódios

Episódio	Elementos Linguísticos	Elementos Paralinguísticos	Fonte: Autoria própria (2025).
Episódio 1 – MHM (com Mário Sérgio Cortella	Marcadores discursivos (“então”, “veja”); explicações longas; reformulações; metáforas; pausas na organização da fala.	Pausas reflexivas; entonação didática; ênfases prosódicas; risos pontuais.	
1.Episódio 2 – Cortes do Flow (Professores explanam)	Interjeições (“pô”, “cara”); sobreposições de vozes; frases incompletas; espontaneidade; narrativas pessoais longas.	Risos frequentes; entonação variada; ritmo acelerado; marcas emocionais intensas.	
Episódio 3 – RivoNews (Ciro Gomes e Sérgio Sacani)	Reformulações; linguagem técnico-política; sequências argumentativas extensas; perguntas e retomadas; contrapontos.	Entonação forte; pausas estratégicas; ritmo oscilante; ênfases e expressões avaliativas.	

A tabela evidencia que, no Episódio 1, os elementos linguísticos e paralinguísticos trabalham juntos para organizar a fala e construir sentidos durante a entrevista. Os marcadores discursivos, as explicações longas e as reformulações mostram um discurso planejado, enquanto as pausas, a entonação didática e as ênfases prosódicas reforçam a expressividade e a clareza. Esses recursos, estruturam uma reflexão educacional acessível, marcada pela combinação de entrevista e exposição oral, o que demonstra a oralidade híbrida presente no episódio.

Na tabela referente ao Episódio 2 evidencia um conjunto de elementos linguísticos e paralinguísticos que reforçam o caráter espontâneo e informal da interação. As interjeições, as sobreposições de fala e as frases incompletas mostram uma conversação marcada pela naturalidade e pela ausência de planejamento rígido, enquanto as narrativas pessoais longas funcionam como estratégia central de construção de sentido. Do ponto de vista paralinguístico, o riso frequente e o ritmo acelerado revelam forte envolvimento emocional dos participantes, contribuindo para a expressividade do episódio. Esses recursos, articulados sustentam a construção de uma crítica social baseada em vivências pessoais, nas quais os participantes legitimam seus posicionamentos a partir de experiências concretas no contexto educacional.

Já na tabela referente ao Episódio 3 mostra que a interação é fortemente marcada por elementos linguísticos e paralinguísticos associados ao debate argumentativo. As reformulações, a linguagem técnico-política e as sequências argumentativas extensas revelam um discurso planejado e orientado para a construção de explicações complexas. As perguntas, as retomadas e os contrapontos reforçam o caráter dialógico do episódio, permitindo que os participantes confrontem ideias e ampliem a discussão. Já os elementos paralinguísticos, como a entonação forte, as pausas estratégicas e as ênfases avaliativas intensificam o tom crítico do debate e destacam os posicionamentos dos interlocutores. Assim, esses recursos sustentam o episódio, que consiste em discutir fenômenos políticos e educacionais de forma analítica, promovendo um debate aprofundado e marcado por posicionamentos explícitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os gêneros orais que se manifestam na ferramenta podcast, compreendendo suas características linguísticas e paralinguísticas, a partir de uma perspectiva que entende a linguagem como prática social, situada e historicamente construída. Ao longo do estudo, demonstrou-se que o podcast não deve ser compreendido como um gênero autônomo, mas como uma ferramenta multimodal que abriga diferentes práticas discursivas orais, possibilitando a circulação de entrevistas, conversações espontâneas, exposições orais, narrativas pessoais e debates. Essa concepção dialoga com a perspectiva de Bakhtin (1997), Marcuschi (2002; 2003; 2008) e Bezerra (2019), reforçando a compreensão dos gêneros como formas de ação social e mediação entre sujeitos em contextos comunicativos diversos.

Os resultados obtidos a partir da análise dos três episódios selecionados confirmam que o podcast é um espaço fértil de atualização da oralidade, permitindo observar a ocorrência de múltiplos gêneros orais em permanente hibridização. No episódio com Mário Sérgio Cortella, por exemplo, a entrevista articula-se à exposição oral e à narrativa pessoal, evidenciando um discurso orientado para a explicação e reflexão. Já o episódio do Cortes do Flow apresenta um ambiente interacional marcado pela conversação espontânea, pela cooperação entre os falantes e pelo uso recorrente de marcadores conversacionais, elementos que conferem espontaneidade e autenticidade ao discurso. No episódio da RivoNews, observou-se a alternância entre trechos de entrevista, debate e conversação natural, o que reforça o caráter heterogêneo e flexível das interações mediadas pelo podcast.

Do ponto de vista linguístico, confirmaram-se elementos típicas da oralidade, como hesitações, repetições, autocorreções, pausas, alongamentos, além do uso expressivo de marcadores conversacionais. Tais elementos estruturam o fluxo da fala e cumprem funções essenciais para a construção da coerência interacional, tal como postulado por Marcuschi (2003). No âmbito paralinguístico, observou-se a presença de risos, variações de entonação, pausas longas e expressões avaliativas, como é possível perceber por meio das transcrições, que assim reforçam a dimensão afetiva e intersubjetiva da interação.

Por fim, conclui-se que o podcast, enquanto espaço de circulação da oralidade, evidencia a natureza viva, dinâmica e social da linguagem. Sua capacidade de integrar muitos gêneros orais e de ampliar práticas comunicativas contemporâneas reforça a necessidade de incorporá-lo mais amplamente às reflexões acadêmicas e às práticas educativas, especialmente no campo dos estudos linguísticos e no ensino de Língua Portuguesa. Espera-se que esta pesquisa possa incentivar novas investigações que aprofundem a compreensão das interações orais em ambientes digitais, explorando ainda mais as potencialidades pedagógicas e discursivas dessa ferramenta.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elisângela Oliveira. **Práticas de leitura e escrita por meio do gênero digital podcast**. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, Itabaiana, 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira; revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros, texto e discurso**. In: SÁ, Edmilson José de (org.). Anais do Centro de Ensino Superior de Arcoverde. Arcoverde: Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde, 2019.

COSTA FILHO, Roberto Barbosa; SILVA, Elizabeth Maria da. **Ler e escrever na academia: um relato de experiência com o gênero podcast**. Olhar de Professor, Ponta Grossa, v. 26, p. 1-17, e-20184.008, 2023.

FLOW CORTES [OFICIAL]. *Professores explicam o maior problema da educação*. YouTube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d4NguJ6tD2E>. Acesso em: 23 dez. 2025.

LOTTERMANN, Gabriel Fischer; MOLIN, Beatriz Dal. **O gênero podcast aplicado à educação**. Anais do EVIDOSOL/CILTec – Online, v. 10, n. 1, 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros textuais e ensino. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MEDEIROS, Macello Santos de. **Podcasting: produção descentralizada de conteúdo sonoro**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. Anais [...]. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005.

MHM. *Os desafios da educação hoje em dia (com Mário Sérgio Cortella)*. YouTube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkPNA63hbdg>. Acesso em: 23 dez. 2025.

RivoNews. *Ciro Gomes e Sérgio Sacani analisam a educação no Brasil*. YouTube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=boYsuWYddP0>. Acesso em: 23 dez. 2025.

SANTANA, Leila Leite; CARVALHO, Tatiana Lourenço de. **O gênero podcast no desenvolvimento da compreensão auditiva em espanhol como língua estrangeira: percepções docentes**. 2024. Resultado de investigação defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2024.

SOUZA, Alice; FORTE-FERREIRA, Elaine Cristina. **Um olhar sobre a utilização do gênero exposição oral por meio de podcast.** [no prelo].

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. *A systematics for the organization of turn-taking for conversation. Language.* 1974.

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio; FERREIRA, Helena Maria. **O podcast como gênero discursivo: oralidade e multisssemiose aquém e além da sala de aula.** Calidoscópio, v. 18, n. 4, p. 776-791, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148539579>.